

_O JARDINEIRO MAIS VELHO E SÁBIO DO MUSEU ENCANTOU-SE! _

Teresa Gil

As palavras somadas à imagem que vejo no *face* provocam em mim um certo estranhamento. _ Freqüento os jardins do Museu da República, que é *meu espaço de respiro* na hora do meu almoço em dias de trabalho. Ali, sentada com os pés descalços entre terra e folhas secas, e corpo entre sol e sombra sob a copa de uma árvore, diante do meu sanduíche e refresco sobre a toalha, me alimento. Enquanto corpo e alma me reabastecem, tecló o meu celular de novo e, eis que, confirmo(?) o dito na tela: há *um jardineiro encantado* nos Jardins do Museu. _ É súbito o encantamento que me toma! – E, súbita também a mirada para o pulso: os ponteiros do relógio me acordam do momento suspenso. _ Num instante, calço o meu ‘*crocs*’; atravesso a rua; retorno ao trabalho. _ O momento de encanto precisa dar lugar ao tempo cartesiano, da hora, em minutos e segundos regulares para cumprir minha função. Entre calma e pressa, recarrego a bolsa e dela saco o meu celular; nele registro e arquivo algo que tento preservar de memória do instante que quero contar, num tentar traduzir o momento *e não perder* a substância efêmera do encontro com o encanto que se fez mágico e para além do determinado e delimitado cotidiano agendado.

Parece que se não conto, corre-se o risco de sumir de mim o que experimentei de encanto, íntimo, orgânico e revelador. Tento em palavras ecoar, o efeito do instante que me sussurra desde então, martelando em mim, e de mim só para mim: _ *É que nos perdemos de quem somos e do que nos cabe; É que nos é de direito humano nos resgatar como seres viventes neste universo (em desencanto?) do qual fazemos parte; É que sem dar atenção a estranhamentos, nos desligamos estando distraídos em estado apartado do que em essência somos, deixando de ser; Será isso assim mesmo? A sensação é de um recado, um alerta, um sinal, de vida, em mim. Tudo em consonância com a esfera de Ser mais que o ter. E, por isso é que sinto que preciso compartilhar e tento aqui contar.*

O contexto amoroso apresentado no *face* como obituário dedicado ao Jardineiro Encantado (que acessei, ou me acessou, meio que *de primeira*, entre tantas mensagens, imagens, figuras que aparecem na tela do celular diante do meu alimento sob a copa de uma árvore dos jardins que ele cuidou), me tocou; me inquietou; me desacomodou. _ Saí do estado anestesiado em que permanecemos, e que nos coloca no modo de vida que há muito inventamos e vivemos nos aperfeiçoando em impormo-nos. _ Me toco e me acento em pausa sob a mesma árvore. Me alimento de novo, do pão com recheio saboroso e do ar, do sol, da sombra, do canto dos

pássaros, e de tudo mais que vejo, ouço e sinto nos jardins do Museu. Agora que sei do encanto, observo com mais atenção o cuidado presente que vejo ao meu redor. _ Permanecer em estado de contemplação torna-se desejo, mas a horinha de intervalo entre manhã e tarde acaba, de novo. E, mais uma vez, devo me impor a cumprir o agendado do dia, devo calçar meu ‘*crocs*’ e devo pausar o que desejo contar através das teclas que toco e das imagens que me tocam em instantânea conexão. _Então, combino comigo (e, será que, consigo?): _volto a contar sobre esse encontro singular, quando o tempo *cronos* me permitir adentrar em momento *kairós*; _ assim, espero em instância. _E, espero que você também me espere e tenha tempo de continuar a me ler... e, possa ainda respirar comigo outro olhar. Um olhar suspenso (*ou paralelo?*) ao dever marcado a ser cumprido e cotidianamente devido.

De novo, pauso na hora do almoço, no mesmo lugar. Mesmo em tempo apertado, reescrevo o que conto com desejo de *não perder* o ponto do encanto do encontro que se fez mágico, para além do determinado, delimitado e cotidiano agendado. Sinto que se eu não conto, corre-se o risco de sumir o encanto que nos cabe e nos é de direito como seres viventes neste universo (*em desencanto?*) do qual fazemos parte, e temos estado distraídos e *desencontrados*, de nós. _ Quero me achar! _ É, que já faz muito é tempo que nos acomodamos e nos incomodamos inseridos nesse modo operante! _ Assim, encaixotados permanecemos, à moda de vida que há muito inventamos e vivemos nos aperfeiçoando em impormo-nos, ainda que em desconforto inumano. _Essa é a sensação que aflora em mim! _ E, eu me conecto com o encanto do momento e o agarro; quero-o perpetuar.

Desperto e surge em mim a vontade que é de me impor a mim o efeito do instante suspenso, e alargar o *bom feitiço* que me fez e faz tão bem! Digo a mim (entre dúvida e pergunta): _ que tal me ausentar do dever agendado do dia, pausar o que devo cumprir e me alongar em me expressar do modo que desejo? _ Mas, não consigo. Agora, não posso; não devo. _Então, combino comigo (e, será que consigo?):_ volto a contar sobre esse encontro singular (como outros encontros singulares que acontecem de tempos em tempos), logo que o tempo *cronos* me permitir adentrar em momento *kairós*. (*Assim, espero!*). _E, espero que você também me espere e tenha tempo de continuar a me ler... e se dê um instante para respirar outro olhar comigo. Um olhar suspenso (e para além) do dever a ser inadiavelmente cumprido.

Acordo. Levanto no escuro. Acendo a luz do depurador sobre o fogão. Na penumbra tateio colocar água do filtro no copo. Carrego o copo d’água para o porta copo sobre a mesa, me sento e me centro diante da telinha iluminada do computador. Evito clarear a madrugada para não despertar meus queridos humanos que dividem comigo a morada urbana, concreta e

contemporânea. O apê tem poucas paredes que quebramos para ampliar os cômodos do espaço que habitamos. Por isso, deixo no ambiente que ocupo apenas os dois pontos de luz que acendi, nesta hora tão preciosa em que ainda não amanheceu e quando amanhecer será sábado.

Sábado é dia atarefado, é quando nos obrigamos a fazer o que estava na agenda e não deu tempo de cumprir na semana anterior. Depois que *#sextou* a vantagem é de dar conta do provável em um tempo não determinado com pontualidades. Então, desperto na tranquilidade que se faz possível, entre goles d'água e dedos tocando teclas. Assim me vejo em momento oportuno para voltar a olhar, rever e contar do encanto em que me entendi naquela hora de almoço imersa nos jardins ao lado de um Palácio. Me sinto de novo encantada enquanto o sábado amanhece. Nesse estado vou teclando o que sai de mim, sem nem olhar para o passar das horas.

Domingo, agora, já amanhecido. Eu encantada ainda. Faço perdurar o que sinto brotando iluminado na tela ao levantar mais uma vez a aba do computador, que dormiu ligado. É que o *face* ressurge aberto, com uma imagem linkada desde anteontem nessa janela. É o olhar do *Jardineiro Encantado* que me encara saindo da foto em que aparece embrenhado entre folhas verdes jardinadas e suspensas do chão que rodeia o Palácio da República. A imagem reacende o momento flagrado que eterniza o legado deixado por este velho sábio realizando o seu bonito trabalho. Me sinto levada a reler e crer nas palavras doces, ao lado da foto do obituário compartilhado no *face* do Museu. São palavras que reconhecem a presença do velho sabidamente jardinando e se plantando em tantos cantos, pássaros, folhas, flores que nos alentam sempre que cruzamos os *portais* para os *verdes* que curam a mim e muitos outros que o adentram fugindo da dureza cinza do asfalto. Concordo com o escrito e o pressinto resistente e vivo a nos favorecer respiros cotidianos diante dos seus jardins. E, me pergunto se o dedicado jardineiro sabia que permaneceria immanentemente vivo em sua natureza tão bem cuidada por ele.

Tiro os olhos da tela e avisto da minha janela o dia de domingo se abrindo pra ela. Descalço os meus 'crops' e em poucos passos alcanço minha varandinha; sinto o gelado do piso dela nas solas dos meus pés. Do alto de um ensolarado domingo me espreguiço e suspiro, mais tarde o sol vai aquecer o assoalho. Me debruço na sacada e ponho reparo com atenção num detalhe colorido que sobe de um arbusto que sobrevive na rua e voa até mim. É um pássaro o que me olha e aterriza sobre os meus pequenos vasos de plantas, e sobrevoa folhas um tanto murchas, e que repentinamente florescem e enverdecem folhas, frutos, cheiros... enchendo de ar, aromas e cores diversas o meu pequeno avarandado, antes nem tão bem tratado. _É mágico e sutil, o que me aparece tão significativamente presente ao meu redor. _ e, entre mais um longo suspiro,

sem querer, acordo mesmo é com o despertador. No susto, entendo que é segunda feira.

De novo, como em todos os cinco dias da semana, entre pausa e pressa, preparo meu sanduiche pro meu almoço ao meio dia. Só que nesse instante paro (isso é raro...), e me faço um pequeno agrado, cuido de minha marmita como um presente, preparo e reparo. E, me agradeço (e também ao jardineiro encantado que me visitou ainda agora) a oportunidade de respiro de intervalo, que estabeleço com o meu piquenique diário, no Jardim Suspenso ao lado do meu trabalho. Volto e foco nos ponteiros do relógio da cozinha. Ainda no apê, todos dormem. E eu, tentando não fazer barulho, confiro se a marmita tá na bolsa, calço o meu '*crocs*' e, antes de passar a chave na porta, entreolho a varanda. Enquanto aperto o botão do elevador, me prometo comprar um regador.